

12 OUT 1983

OUT 1983

ESTADO DE SÃO PAULO

Economia - Brasil

Economistas sofrem pressões do PMDB

O governo do Estado e o PMDB estão-se deixando envolver pela disputa eleitoral à direção do Sindicato e Ordem dos Economistas de São Paulo, que será travada segunda-feira, com a participação de 25 mil votantes. Tal envolvimento não constitui novidade, porque já se registrou em competições anteriores.

O que chama a atenção, desta vez, é o fato de um partido, que criticou esse procedimento estar a repeti-lo, da mesma forma e com a mesma falta de cerimônia demonstrada anteriormente pelo PDS. Concorrem à renovação dos dois órgãos a chapa da situação, liderada pelo ex-prefeito Miguel Colasuonno (com apoio de Delfim Netto e do governo federal), e a de oposição, que aponta para presidente o economista Luciano Galvão Coutinho, professor da Unicamp, e inclui, como concorrentes ao Conselho Superior, André Franco Montoro Filho, professor da USP, João Sayad (secretário da Fazenda), Denizard de Oliveira Alves (secretário das Finanças do Município) e José Maria Arbex (diretor-financeiro da Caixa Econômica do Estado).

O envolvimento do PMDB na campanha tem sido mais ostensivo e aberto do que o do governo do Estado. As Câmaras Municipais lideradas por peemedebistas, por exemplo, estão fazendo a pregação em favor de Luciano Coutinho, enquanto o Senado Federal também intervém, remetendo cartas aos economistas de São Paulo para pedir o voto a esse candidato.

Nas cartas remetidas com o selo do Senado, ou seja, pagas com o dinheiro do contribuinte, é impossível identificar o remetente, porém supõem-se que seja um dos dois senadores peemedebistas de São Paulo (ou quem sabe ambos). O selo de cada uma dessas cartas custa 57 cruzeiros, importância que, multiplicada por 25 mil, atinge um total de Cr\$ 1.425.000,00.

Na linha de auxílio à candidatura de oposição à Ordem e ao Sindicato dos Economistas, a Câmara Municipal de São José dos Campos, domi-

nada pelo PMDB, promove amanhã, às 20 horas, uma palestra dos candidatos Luciano Coutinho e José Maria Arbex aos economistas da cidade, que foram convocados formalmente. Os temas abordados serão o Decreto-Lei nº 2.045 e a atual conjuntura brasileira.

Esse engajamento político nas eleições de órgãos classistas, conforme afirmado, não é coisa nova. Em eleições anteriores, os profissionais que trabalhavam para o governo do Estado receberam um "convite" para apoiar a chapa oficial. Houve reações incríveis do PMDB a esse aliciamento, que agora se repete, numa demonstração de que pouca coisa mudou em São Paulo com o revezamento de partidos no poder.

Da parte do governo do Estado, observa-se que não está a jogar com muita habilidade, porque o seu engajamento na campanha em favor da chapa oposicionista representa uma faca de dois gumes: se sagrar-se vitoriosa, o êxito será creditado ao governo, circunstância pouco honrosa para os competidores; e se perder a disputa, o governo perderá junto.

Enfim, o risco para a administração Franco Montoro é maior nessa disputa e poderá representar novo desgaste. Ademais, cumpre observar que a eleição para o Sindicato e Ordem dos Economistas vem assumindo uma feição de aferição ideológica, na qual duas filosofias adversárias medem forças.

O candidato da situação, Miguel Colasuonno, representa o ponto de vista doutrinário abraçado pelo governo federal. Sujeita a críticas, trata-se de uma posição em favor da liberalização da economia e conseqüente afastamento do Estado como interveniente direto.

O grupo adversário, fortalecido pela condição de algoz dos atuais governantes, vem defendendo durante a campanha uma sucessão de mudanças no setor econômico, porém de forma que às vezes sugere o desejo de um Estado forte e impositivo. Enfim, sob outras roupagens, parece repetir-se o velho jogo de esquerda e direita.

A. T. C.